

A Saúde do País é "precária"

Arouca diz que o sistema só avança pelas epidemias

SUSAN FARIA
Da Editoria Nacional

"Entre 70 e 80 por cento dos hemofílicos do Brasil estão contaminados com o vírus da Aids, portanto condenados à morte por esta doença. Eles a contraíram pela transfusão de sangue contaminado". A denúncia é do presidente da Fundação Osvaldo Cruz, Sérgio Arouca. Formado em medicina na Universidade de São Paulo, com mestrado em saúde pública e medicina tropical, ele fez uma conferência sobre Reforma Sanitária Brasileira, no auditório do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia — IBICT, em Brasília, onde teceu severas críticas ao sistema de saúde implantado no Brasil.

Na opinião de Sérgio Arouca, o atendimento à saúde no Brasil avança pelas epidemias. "Quando houve a epidemia da meningite, o Governo montou aqui um sistema melhor de vacinação. Agora está sendo a vez da Aids. A propagação da Aids no Brasil está questionando o sistema de saúde e só assim está se vendo o que são os nossos bancos de sangue", afirmou.

PACTO MALDITO

Sérgio Arouca assegurou que uma pesquisa levantada pela Fundação Osvaldo Cruz constatou mendigos doando sangue em pleno centro do Rio de Janeiro. Segundo ele, esses mendigos são vendedores de sangue contaminado com Aids e uma série de outras doenças. "A rede de banco de sangue clandestino faz um pacto maldito, que ganha níveis de sofisticação. Esses bancos compram sangue de mendigos e lhes dão sanduiches em troca", ressaltou.

"Sabemos que certa vez um mendigo, após doar sangue, desmaiou de tão doente que estava e teve de receber sangue em seguida", disse Arouca. A seu ver, o sistema de saúde do Brasil não atende às necessidades da população:



Sérgio Arouca defende reformulação total no sistema de saúde brasileiro

"Não temos condições de responder as coisas mais simples nesse setor. Doenças supostamente controladas como dengue, malária, estão aí. Os melhores hospitais do País estão subordinados ao Ministério da Educação. Quem cuida da saúde do índio é a Funai. Então o que existe é uma soma de instituições cuidando da saúde no Brasil, onde se aplica pouco e mal".

SUDS

Na opinião de Arouca, a saúde no País precisa ter um comando único. "Não tem cabimento ser decidido em Brasília um caso de uma cidadezinha do interior", disse, defendendo a implantação do Sistema Unificado e Descentralizado de Saúde (Suds), que faz parte de um projeto na área de saúde a ser votado esta semana no Congresso Nacional.

Arouca defende o texto de saúde da Comissão de Sistematização da Constituinte acrescido de emendas progressistas, que asseguram a saúde como direito de todos e dever do Estado, de acordo com os princípios emanados da histórica 8ª Conferência

Nacional de Saúde, realizada em março de 1986.

Na palestra da sanitária, ele enfocou as diferenças básicas entre o anteprojeto da Comissão de Sistematização (defendido por cerca de 200 entidades e instituições, que apresentam mais de 500 mil profissionais da área de saúde, além de um grande número de intelectuais, artistas e outros representantes da sociedade civil) e o projeto do Centrão, que representa, na sua opinião, um retrocesso, em relação, inclusive, à situação de saúde hoje existente no País.

O anteprojeto da Sistematização — diz Arouca — garante saúde como direito de todos e dever do Estado, criando o sistema único de saúde. Define a relação entre o setor público e o privado, assegurando a participação deste último de forma supletiva, através de contrato de direito público, reservando ao Estado o controle dos recursos e da qualidade dos serviços prestados.

SURREALISMO

Arouca assegura que "somos campeões de infecção hospitalar por falta de higiene. Como se não bas-

tasse isso no setor, o sistema de saúde brasileiro chegou a um surrealismo, onde existem dois Brasis, um do dengue, da malária e o Brasil da ficção". A seu ver, aqui se formam médicos que fazem várias coisas ao mesmo tempo e nenhuma com competência: temos médicos com contrato de 100 a 120 horas de trabalho por semana, que são ao mesmo tempo motoristas e atletas porque correm de um lado para o outro, numa maratona que não lhes permite ler, atualizar seus conhecimentos.

"Os médicos do Brasil não freqüentam bibliotecas. Seus conhecimentos são atualizados pelos representantes dos laboratórios, que lhes dão amostras grátis e indicam os novos remédios da praça", criticou, assegurando que o desastre da saúde no Brasil é também sério na área científica e tecnológica, porque não se aplica em investigação e pesquisa.

Como assessor da Organização Pan-Americana da Saúde, Arouca passou três anos na Nicarágua, ajudando a estruturar o sistema de saúde, logo após a vitória dos sandinistas. Prestou assessoria